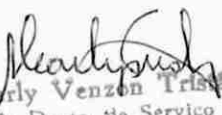


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

PAI E FILHO: UMA RELAÇÃO DE AFETO

PATRÍCIA CARDOZO DE FARIAS

sem: 21/07/2000.


Myrly Venzon Tristão
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE/UFSQ

FLORIANÓPOLIS

2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

PAI E FILHO: UMA RELAÇÃO DE AFETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Assistente Social, orientado pela professora Tereza Kleba Lisboa.

PATRÍCIA CARDOZO DE FARIAS

Florianópolis/SC

BANCA EXAMINADORA

Presidente de Banca:

Professora Marly Venzon

Primeira examinadora:

Assistente Social Márcia Gomes da Silva de Oliveira

Segunda examinadora:

Professora Marli Palma

Nota final: _____

“ Todas as palavras são portadoras de idéias, são plenas de significados. Estes, porém, alojados em seu interior, não se manifestam de pronto nem se revelam de modo imediato. É preciso procurá-los na dinâmica do processo histórico, descobri-los nas tramas constitutivas do real.”

Maria Lúcia Martinelli

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua infinita bondade e fidelidade para comigo, onde jamais deixou-me faltar algo. Toda glória retorne a Ele.

À minha mãe Albani e pai Romilto, pelo apoio, incentivo e carinho demonstrados sempre que há algo importante acontecendo comigo e pelas oportunidades que me abriram. Amo vocês!

À minha orientadora, Professora Tereza Kleba, pelo acompanhamento e pelas vezes que me tranqüilizou e orientou durante a elaboração deste trabalho.

À Professora Marly Venzon, que acompanhou-me no EMAJ durante os anos de 1998 e 1999. Suas orientações, reflexões e bom senso muito contribuíram para minha formação profissional.

Às amigas de estágio e de curso, em especial à Adriana Proença, Graziela Jacques, Tânia Puga, Carla Menezes, Vânia Gili e Leatrice Hames pela sinceridade, amizade, incentivo, companheirismo, e por todos os momentos bons e ruins que compartilhamos neste período. Vocês são amigas muito especiais!

Aos meus tios, que me deram abrigo e apoio na hora que mais precisava. Obrigada!

Enfim, agradeço a todos aqueles que contribuíram para a minha formação e para a elaboração deste trabalho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....08

INTRODUÇÃO.....11

CAPÍTULO I – INTRODUZINDO A FAMÍLIA

1.1 – Contextualização histórica da família.....18

1.2 – A família na contemporaneidade.....20

1.3 – Mudanças e perspectivas.....28

1.4 – Os conflitos em torno da
masculinidade.....33

CAPÍTULO II – “Meu filho, eu nunca deixarei de amá-lo”

2.1 – Sobre a metodologia.....40

2.2 – Perfil sócio-econômico dos pais
entrevistados.....43

2.3 – Perfil sócio-afetivo e cultural dos pais
entrevistados.....49

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....61

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....64

ANEXO.....68

APRESENTAÇÃO

O interesse sobre a intervenção do Serviço Social com famílias, provém de uma vivência de estágio realizada no Escritório Modelo de Assistência Jurídica – EMAJ – e na Vara de Família, Órfãos e Sucessões, da Comarca da Capital, realizadas respectivamente, de agosto de um mil novecentos e noventa e oito ao mês de dezembro do ano de um mil novecentos e noventa e oito, e do mês de março a dezembro do ano de um mil novecentos e noventa e nove, assim como bolsista do Projeto Serviço Social Forense, realizado no EMAJ no período de agosto do ano de um mil novecentos e noventa e oito à julho do ano de dois mil.

Nos estágios realizados, atuamos interdisciplinarmente com o curso de Direito nas demandas que se referiam à área do direito de família, tais como separações, pedidos de pensão alimentícia, guarda dos filhos, entre outros, através de atendimentos sócio-familiares prestados pelo Serviço Social.

A escolha do tema (Pai e filho: uma relação de afeto), decorre do número de mães que procuraram ajuda no EMAJ, dirigindo-se ao escritório em busca de compreensão, esperando que nós, estagiárias, pudéssemos ajudá-las a resolver

seus problemas, especialmente o da falta do pai para seus filhos, onde, após a separação, o pai não mais procurou visitar o filho e, sendo assim, deixou de dar afeto à criança.

No geral as mães se desesperam com esta situação, pois seus filhos tornaram-se pessoas tristes, com o aspecto físico de doentes. Ainda, alguns filhos ficaram revoltados, outros chorões.

O presente trabalho é realizado em dois capítulos. No primeiro, realizaremos uma contextualização histórica da família, desde seu significado até sua definição. Faremos também uma explanação das mudanças ocorridas com as famílias ao passar dos anos, além de, uma breve argumentação sobre os conflitos da masculinidade, onde realizaremos uma abordagem sobre o significado de ser homem, sobre sexo e gênero, papel atribuído ao pai, a legislação acerca da família. Acreditamos que os assuntos sejam fundamentais para subsidiar nossa pesquisa e à reflexão de seus resultados.

No segundo capítulo nos propomos perceber o vínculo que os pais exercem com seus filhos, sendo que, a fim de perfectibilizarmos nosso intento, optamos pela elaboração de um questionário, o qual foi respondido por pais separados, clientes do EMAJ, em que a guarda dos filhos foi deferida à mãe.

Objetivamos com o presente trabalho, dar conta da temática em questão, alicerçados em leituras sobre famílias, gênero, afeto, legislação e nos

depoimentos prestados pelos pais entrevistados. Ao final, teceremos algumas considerações para a valorização e prática do afeto.

INTRODUÇÃO

O EMAJ (Escritório Modelo de Assistência Jurídica) surgiu através de um Projeto de Pesquisa do Departamento de Direito Processual e Prática Forense do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sido aperfeiçoado com a colaboração de professores da área do Direito. O Fórum da UFSC é uma realidade promissora e pioneira de nosso Estado e do nosso país.

A criação do EMAJ deu-se em nove de julho de um mil novecentos e noventa e três, tendo como objetivo ser campo de estágio dos graduandos do curso de Direito, vindo posteriormente, a ser campo de estágio também para os graduandos do curso de Serviço Social desta mesma universidade, prestar atendimento jurídico gratuito à comunidade do Município de Florianópolis, propiciando acesso ao atendimento sócio-jurídico à população carente.

Também no ano de um mil novecentos e noventa e três foi criado estágio curricular para o curso de Serviço Social, vinculado ao Núcleo da Criança e Adolescente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, na forma de um Projeto de Extensão do Sub-Núcleo da família,

visando atuar em uma perspectiva interdisciplinar com o curso de Direito no atendimento às demandas que versem sobre o direito de família.

A prática de estágio ocorreu do mês de agosto a dezembro de um mil novecentos e noventa e oito, e o campo de estágio curricular de Serviço Social foi fechado no início do primeiro semestre do ano de um mil novecentos e noventa e nove, ante a:

- impossibilidade de alocação de uma profissional Assistente Social para o EMAJ e
- por deliberação da ex-coordenadora do mesmo, professora Vera Teixeira, uma vez que a mesma entendia que o Serviço Social no EMAJ não era necessário, mesmo frente ao grau de angústias, desesperos, incertezas, injustiças, desigualdades sociais e raciais, etc.

O papel da estagiária de Serviço Social no EMAJ era exercido através de orientações e esclarecimentos, reflexões com o usuário sobre sua situação para que o mesmo compreendesse sua realidade e, desta forma, encontrasse subsídios para modificá-la.

A partir do ano de um mil novecentos e noventa e nove, a atuação do Serviço Social continuou “sobrevivendo” no EMAJ, no entanto, apenas como Projeto de Extensão, sem o caráter de estágio curricular, aparentemente, com o dever de executar as triagens para os atendimentos, cujos critérios eram três:

residir na comarca de Florianópolis; apresentar uma renda aproximada de, no máximo, três salários mínimos; e ser pessoa física.

Oculto neste “dever”, realizávamos o mesmo trabalho dos tempos de estágio, qual seja, incluíamos pessoas nos atendimentos, pois concordamos que uma família de quatro pessoas não consegue viver bem com uma renda conjunta de três salários mínimos, quanto mais uma família de nove integrantes com esta mesma renda. Então, incluíamos famílias cuja renda chegava a cinco salários mínimos, mas com maior número de integrantes, com a certeza de que esta família passa por privações, não tem um mínimo social que as garante e que suas situações são realmente precárias, não tendo condições financeiras própria de constituir um advogado.

Realizávamos também um atendimento de emergência, ao qual chamávamos de plantão. Eram situações inesperadas, como casos de histerias, choros, agressões verbais, entre outras, para as quais os acadêmicos do curso de Direito não estavam preparados para atuar, e, portanto, chamavam os acadêmicos do curso de Serviço Social. Nestas situações, delicadamente, mas com muita firmeza, usando nosso arcabouço teórico, atitude compreensiva e muito respeito ao ser humano, contornávamos as situações e as repassávamos aos acadêmicos do curso de Direito, quando o cliente já encontrava-se mais calmo,

compreendendo sua realidade e com coragem para mudar sua situação, ou seja, enfrentar a realidade.

A realidade social vivenciada por grande parte da sociedade brasileira ou seja, por pessoas carentes de recursos, é retratada pelos usuários do setor de Serviço Social do EMAJ, uma vez que representam a parcela da população que é desrespeitada no acesso aos direitos básicos como saúde, educação e moradia. Além disso, muitos usuários estão desempregados ou tem subemprego.

Vivemos em um mundo capitalista e, sobre isto, Aron afirma:

"O caráter contraditório do capitalismo se manifesta no fato de que o crescimento dos meios de produção em vez de se traduzir pela elevação do nível de vida dos trabalhadores, leva a um processo de proletarização (os pequenos agricultores vendem suas terras para procurar empregos nas cidades) e pauperização (crescem os miseráveis nas favelas por falta de emprego".(1993, p. 137).

Estas são as vítimas de um verdadeiro processo de marginalização como consequência de um sistema capitalista que cada vez mais afasta as pessoas das condições de vida digna e de sobrevivência.

A partir do primeiro semestre de um mil novecentos e noventa e nove, foi implantado o novo currículo do Curso de Serviço Social, que possui conter a disciplina de Estágio Curricular I modificada, ficando no lugar do estágio mínimo obrigatório de doze horas semanais, as Oficinas de Iniciação Profissional, divididas em duas Oficinas, cada uma com a exigência de quatro horas semanais.

As “Oficinas de Estágio”, como são chamadas pelas alunas de 5.^a fase, ficaram divididas em dois campos: na Casa da Criança, situada no Morro da Penitenciária, tendo a professora Teresa Kleba Lisboa como responsável, e no EMAJ, tendo como responsáveis a professora Marli Palma e a Assistente Social do Departamento de Serviço Social desta mesma Universidade, Simone Machado, e, ainda, como colaboradora, a acadêmica Patrícia C. de Farias.

Nesta “Oficina de Estágio”, uma inovação no currículo do curso de Serviço Social, na parte que concerne ao EMAJ, cada aluna tem por obrigação assumir o estudo de uma situação particular, realizando, no mínimo, cinco entrevistas e três visitas domiciliares, assim como atender à um “plantão”, ou seja, situações emergenciais que aparecem sem hora marcada. E, para organização de tal metodologia, o Serviço Social do EMAJ conta com três salas neste escritório para realização de suas atividades. As alunas estagiárias que, no

semestre 2000-1 somaram 16, foram divididas em oito duplas, sendo que, cada dupla ficou encarregada de no mínimo, um estudo social.

São repassados apenas para estudo social, que é o objetivo desta Oficina, qual seja, *de ensinar o fazer profissional do Assistente Social na área jurídica, os casos de guarda onde o Direito entende que seja necessário a intervenção do Serviço Social.*

Estes estudos são pedidos para verificar se a solicitação do cliente requer atendimento jurídico, caso contrário não se torna viável a abertura de um processo judicial. O Serviço Social realiza o estudo sócio-econômico, verifica (através de visitas e entrevistas) a situação das pessoas envolvidas e repassa ao Direito seu parecer, diminuindo o tempo de andamento do processo, pois nestes casos, o parecer contém uma opinião profissional do Serviço Social analisando o que as partes em conflito pensam, querem e aceitam, como também o que não lhes convém.

Além desta reformulação no currículo, o atendimento EMAJ também passou por mudanças. A triagem passou a ser feita apenas nas quintas-feiras e pelos próprios alunos do Direito, os formandos da décima fase. Apenas nas segundas-feiras é que são atendidos os casos novos. Como antes era o Serviço Social que encarregava-se de executar as triagens e, sendo que apareciam casos novos todos os dias, os corredores do EMAJ viviam lotados e um número maior

de pessoas eram atendidas. Atualmente os corredores encontram-se mais vazios e há reclamações por parte dos usuários que chegam e não são atendidos. Isto pode caracterizar-se como um processo de exclusão, onde só tem chance de atendimento quem falta trabalho na quinta-feira para fazer a triagem ou quem tem tempo vago permanente.

O interesse em aprofundar um estudo sobre a dinâmica familiar, na qual os pais são separados, não moram juntos e a guarda da criança ficou com a mãe, nos levou a este trabalho.

Para tanto, buscamos identificar no entendimento dos pais, quais os compromissos que restam para eles após a separação, perante o filho. Também procuramos saber sobre os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe na educação da criança, bem como observar se os pais estão felizes nesta posição e quantas vezes se encontram com o filho, no tempo de um mês.

Para responde estas questões, realizamos entrevistas com quinze pais de crianças cuja guarda está com a mãe. O conteúdo das entrevistas foi de extrema riqueza e constituiu-se nos dados empíricos para posterior análise.

CAPÍTULO I

INTRODUZINDO A FAMÍLIA

1.1 – Contextualização histórica da família

O termo família origina-se do latim *Famulus*, que significa um conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor (Prado, 1984, p. 05). Entre os chamados dependentes de um chefe, inclui-se a esposa e os filhos. Já no sentido popular e nos dicionários, como exemplo o Minidicionário Luft (1996, p. 288), significa *pessoas aparentadas que em geral viveram na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.*

Desde a antigüidade, a família dividia-se em duas esferas, a Pública e a Privada. Recordamos Hanna Arendt “*a esfera privada era o espaço da casa onde conviviam os membros de uma mesma família. Nela satisfaziam-se as necessidades de moradia, vestuário e alimentação, ou seja, as necessidades básicas e o chefe era o pai, o qual podia fazer o que lhe conviesse com sua esposa e seus filhos; na esfera pública tinha a Pólis, o espaço da rua, que era*

uma relação entre iguais, a qual transcendia a vida de necessidades, era o reino da liberdade”.

Na modernidade, o Estado é o grande gerenciador da vida cotidiana, e tivemos uma mudança na Organização Social. Antes, as unidades de produção eram as famílias, que trabalhavam no mesmo lugar e em grande números de pessoas, pois tudo era manufaturado. Com a Revolução Industrial, as mãos foram paulatinamente dando lugar as máquinas, ocorreu a separação entre a indústria e a casa, pois já não precisava-se de muitas pessoas para realizar o serviço, visto que as máquinas diminuíram a mão-de-obra

Com isso, a família tida como estrutura de pai, mãe e filhos começa a separar-se na hora da labuta, onde somente o pai ou o irmão mais velho saem para trabalhar, ficando a mãe e irmãos livres para trabalharem em outros lugares ou ficarem em casa. Não havendo necessidade de muitas pessoas para trabalhar na manufatura, as famílias tenderam a ficar menos numerosas, até pelo fato do salário ser o poder de compra. Quem tem como pagar, compra, os que não detém condições para tal feito, cobiçam.

Com a separação entre indústria e casa e menos pessoas para fazer o serviço de manufatura, veio a individualização do salário, estando embutida a idéia do chefe, de homem provedor, onde era obrigação moral do homem

sustentar a família, de gastar tudo que ganha em prol da própria família, da reprodução da vida.

Esta família é uma família nuclear e puerocêntrica, onde tem-se uma função perante a sociedade, de educar e formar seus filhos dentro da ordem da sociedade burguesa, do Estado, das leis, formando-se assim, uma família “isolada”. A criança era o centro destas famílias, onde elas deveriam estar ligadas aos filhos, na sua educação e prepará-los para a vida, tinham que investir no futuro dos filhos, e o matrimônio acaba por surgir fundamentado na família.

1.2 – A família na contemporaneidade

✕ A família contemporânea apresenta uma nova forma de ser pensada. Estamos entendendo família, segundo Mioto e Takashima como:

“Um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Ele tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros, e se encontra dialeticamente articulada com a estrutura social na qual está inserido”. (1996, p. 36)

Entendendo a família como tal, agora a veremos entre os pobres, os quais são os sujeitos desta pesquisa, onde em termos de autoridade, Sarti afirma:

“A família entre os pobres urbanos é estruturada como um grupo hierárquico, seguindo um padrão de autoridade patriarcal, cujo princípio básico é a precedência do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos. Em consonância com este modelo familiar, a organização doméstica é baseada no princípio da tradicional divisão sexual, em que o homem é provedor e a mulher dona de casa”.(1995, p. 136)

Ainda segundo a autora, qualquer homem admite claramente que a mulher é a chefe da casa, ela que entende de casa e a organiza. Sua autoridade é baseada no seu papel de gênero, de mãe, de dona de casa. O homem é o chefe da família, o qual tem mais autoridade sobre a mulher, pois ela é apenas a chefe da casa e ele o chefe da família.

✦ Hoje a família deve ser extremamente flexível. Segundo os autores Whaley e Wong (1989), *“a família é um sistema aberto, sendo que qualquer alteração a nível interno ou externo num dos componentes irá refletir nos demais.”*

Bateson (apud Calil, 1987) sustenta a idéia de que a família desenvolve formas básicas de se comportar, que na verdade são de caráter repetitivo como uma forma dela mesma se organizar. Isto significa que cada família possui suas próprias regras que não são verbalizadas, sendo específicas àquela que, quer seja em função da cultura e do aspecto social, mas que, em grande proporção, se originam as vivências psicológicas do casal. Este, por sua vez, traz repetição de vivências das famílias de origem. Assim sendo, cada família cria sua própria forma de comunicação, tendo cada indivíduo, sua própria forma de comunicar-se.

As diferenças individuais são características positivas e inerentes aos relacionamentos. Cada pessoa é única, possui sua história de vida, seu temperamento que, conseqüentemente, forma sua personalidade, ou seja, ela se diferencia nas diferenças que, por sua vez, são a base do conflito na família.

No geral, a família passa por cinco etapas desde sua formação inicial, sendo que, nenhuma das etapas tem um tempo determinado, são simplesmente transitórias, isto, segundo Ramos (1990).

A seguir, serão enumeradas e caracterizadas estas etapas:

I – casamento;

- 2 – chegada dos filhos;
- 3 – crescimento dos filhos;
- 4 – saída dos filhos de casa;
- 5 – novamente um casal.

- Casamento

A relação conjugal é constituída a partir da escolha dos parceiros, sendo esta fruto das motivações inconscientes ligadas a fantasias, desejos, necessidades, frustrações vividas na infância e do processo de identificação da criança não só com pai e mãe, mas também dos pais enquanto casal.

A união de um casal pode se realizar através do casamento civil e/ou religioso, ou na decisão de viverem juntos.

No casamento, cada um dos parceiros traz experiências de vida; posicionamentos sociais; expectativas de satisfação de necessidades, especialmente daquelas que não foram plenamente atendidas em sua família de origem. Trazem, em suma, o desejo de compensar no convívio, tudo o que lhes faltou e que desejaram ter em seus relacionamentos sócio-familiares anteriores. Trazem uma visão idealizada da união e da vida a dois.

Comumente os parceiros idealizam uma vida em que seus desejos serão atendidos, sem ponderar que na relação a dois, devem ocorrer adaptações, compensações e especialmente o “dar e receber” social e afetivo; e que a tolerância e o respeito à pessoa e necessidades do outro é fator indispensável para o estabelecimento do equilíbrio na relação. Nesta fase, o casal irá evidenciar algumas diferenças no cônjuge que outrora não percebera, e precisa-se de convivência e maturidade para contornar as diferenças e lidar com as situações.

- Chegada dos filhos

Com a chegada do primeiro filho, ter-se-á uma modificação na estrutura familiar onde o casal passa a ter agora mais um papel: de pai e mãe.

Todo casal, com o nascimento de um filho, passa por transformações e adequações, em que os papéis sociais são ampliados e além da disponibilidade sócio-afetiva de um parceiro para outro, se desenvolve o “dar e receber” de ambos para o novo ser.

A chegada dos filhos na família marca o início de uma relação entre gerações distintas na qual a primeira deve assumir os cuidados da Segunda. Assim se estabelece uma outra ordem de relações na família (relação pais e filhos) e com ela é instaurado um novo momento na sua dinâmica.

Segundo Pincus & Dare, sobre a alteração do casal:

“Além disso, a estrutura do casal é profundamente alterada uma vez que a maternidade e a paternidade implicam fundamentalmente numa reestruturação da identidade do homem e da mulher. Esse movimento se repete a cada gravidez, a cada parto, a cada nascimento que ocorre no interior da família”.(1981, p. 127)

Na história de uma família a gravidez aparece como um marco social importante: é o momento em que o casal “se continua” e busca seu estabelecimento como clã e o reconhecimento social disto decorrente. Se o casal não estiver bem estruturado, a criança poderá ser vista como intrusa neste relacionamento, como alguém que veio para roubar a dedicação exclusiva dada antes a ambas as partes.

Convém ressaltar que na gravidez as expectativas e tensões decorrentes do próprio “formar um ser em seu ventre” exacerba a sensibilidade da mulher e ela necessita da presença, do apoio e da segurança que o parceiro tem para lhe dar.

- Crescimento dos filhos

No contexto da família, as relações pais e filhos constroem-se através dos vínculos que vão se estabelecendo entre eles. Estas relações se caracterizam especialmente pelo afeto e pela dependência dos filhos, que no início é total. Elas envolvem um processo de aprendizagem mútua através do qual vão se estruturando padrões de relacionamento, cuja vivência tem significados diferentes para cada um dos envolvidos.

A criança em sua evolução, estabelece com o pai e, especialmente com a mãe uma ligação de dependência necessária, inclusive para sua sobrevivência física. A vinculação afetiva, especialmente entre pais e filhos, é a garantia para um adequado desenvolvimento da criança, que encontra então, na família, a segurança sócio-afetiva.

Nesta etapa, começa-se a ter outras transformações na dinâmica familiar. É quando os pais acham que os filhos já não são tão dependentes dos seus cuidados. Nascem, assim, novos projetos. A esposa/mãe busca inserir-se novamente no mercado de trabalho (ao referir-se à classe social mais baixa, trabalha-se em função da sobrevivência), o esposo/pai busca retornar a projetos

até então adiados em função da dedicação ao filho, nascendo assim um conflito entre o desejo dos pais *versus* necessidades do filho. Segundo Ramos (1990), *o excesso de responsabilidade da mulher em função da dupla jornada (lar e trabalho), faz com que a mesma fique ressentida com o marido, o que afetará o relacionamento conjugal do casal, pois a esposa/mãe/executiva acaba ausentando-se de um ou mais papéis a ela atribuídos.*

- Saída dos filhos de casa

Esta fase necessita de uma reestruturação na família para que a mesma tenha um relacionamento saudável. É o momento da adolescência e juventude, onde o filho precisa aprender a ser mais independente e tentar tornar-se adulto. Este processo pode ser doloroso para ambas as partes (pais e filhos). Nesta fase, é muito comum haver chantagem emocional por uma das partes.

Pais que não conseguiram lidar de forma adequada com seus conflitos em determinadas situações evolutivas, tem dificuldades para ajudar seus filhos, no que concerne ao sair da casa dos pais e ter suas vidas próprias, de serem independentes financeiramente, mas dependentes do afeto dos pais.

- Novamente um casal

Quando os filhos saem de casa e tornam-se adultos, os pais passam a viver uma fase em que há muito não viviam, restando mais tempo para dispensar individualmente, bem como entre casal.

Ramos (1990) diz que no plano prático, as coisas não se dão desta forma. É comum o descontentamento por ambas as partes: a mulher acha-se inútil, pois já não pode cuidar dos filhos, e o marido tem a mesma sensação de inutilidade frente à aposentadoria. Fora isto, há os próprios sinais vitais, onde a velhice é encarada como isolamento. Esta fase quando não é bem trabalhada, pode refletir em frustrações, onde criará um cenário conturbado (disfunções) entre o casal.

1.3 – Mudanças e perspectivas

Goldani (1994), traça um perfil demográfico das mudanças ocorridas nas famílias das últimas duas décadas. Conforme fontes do IBGE, constata que a tendência é de uma diminuição no tamanho e uma maior diversidade nos

arranjos domésticos e familiares. Os arranjos de maior crescimento nos últimos anos foram de adultos vivendo sós e de famílias monoparentais. A complexidade da vida familiar aumentou devido ao incremento no número de famílias reconstituídas, resultado do incremento nas taxas de separação, divórcio e recasamento.

Esposas e filhos participam mais intensamente nas atividades de mercado de trabalho e na renda monetária familiar, compartilhando com o chefe as responsabilidades de manutenção da família, e promovendo uma redefinição nos padrões de hierarquia e sociabilidade. Nisto, há uma sobrecarga da mulher, pela sua dupla jornada de trabalho, onde tem que trabalhar para dar conta dos afazeres domésticos e dos filhos, sendo que, na Revista Veja de dezenove de abril de dois mil, p. 39, no Brasil a mulher recebe como salário cerca de 33% a menos que o Homem, portanto há desigualdade quando se trata de gênero, onde o masculino se sobrepõe ao feminino.

O papel do pai na educação dos filhos, assim como o da mãe, é uma referência para a vida adulta da criança. O papel de gênero, onde seriam propriamente os comportamentos sociais e suas atribuições, e especificidades do desempenho dos papéis, que são diferenciados ao homem e à mulher, ou seja, papéis apropriados para pessoas que possuem um determinado sexo, já vem

definido desde o nascimento, onde são pré-determinados e são diferentes as funções exercidas por um e por outro.

Os inúmeros planos econômicos e programas sociais e a perda gradativa de eficiência do setor público se reflete na deterioração das condições de vida de grandes parcelas da população. A tudo isto se soma um processo de concentração de renda que gera uma desigualdade brutal, e dá ao Brasil o título de campeão mundial da desigualdade.

Portanto, na década de 80, a chamada “década perdida”, a sociedade brasileira é marcada por um aprofundamento das desigualdades - a concentração de renda e drástica diminuição do salário para a maioria da população, e uma sofisticação do consumo para uma minoria – conformando um processo de “modernidade excludente”, no qual se acirram as diferenças.

O perfil estatístico das mudanças mostra que a população está mais educada e tem residências com mais infra-estrutura, mas está cada vez mais pobre. Dentre as estratégias da população brasileira para enfrentar a crise, talvez a mais dramática tenha sido a de adiar ou cancelar os projetos de formação de novas famílias, bem como a expansão das já existentes. Essas tendências foram particularmente fortes na região mais pobre do país, o Nordeste. Entretanto, diminuir o número e o tamanho da família não bastou. Foi necessário o ingresso

de um maior número de pessoas no mercado de trabalho para manter o orçamento familiar.

Para manter este orçamento familiar, iremos ao ponto do aumento das famílias chefiadas por mulheres, que vai na linha da modernização, industrialização e abertura no leque de opções para a mulher nos países ricos, e *das más condições de vida gerando instabilidade nas relações pessoais e familiares nos países pobres*. Segundo o jornal da Globo de seis de junho de dois mil, existem hoje no Brasil três milhões e duzentos mil famílias chefiadas por mulheres, e destas, um milhão e seiscentos mil são famílias que o pai não existe, onde a mãe cuida sozinha da sobrevivência das crianças, onde o pai abandona a mãe com os filhos, seja por motivos próprios ou morte, isto segundo pesquisa encomendada ao IBGE em mil novecentos e noventa e nove.

Entre os processos de mudança, destacam-se as transformações demográficas, as elevações das taxas de separações e divórcios, a expectativa de vida maior para as mulheres gerando mais viuvez feminina, e a crescente proporção de mulheres solteiras com filhos, além de processos de maior integração da mulher no mercado de trabalho, aumento da educação e diminuição da fecundidade, desigualdades de renda, raciais e regionais.

Portanto, mudaram as condições de reprodução da população, mudaram os padrões de relacionamento entre os membros da família, os modelos de autoridade estão em questionamento, a posição relativa da mulher alterou-se profundamente, e até mesmo a legislação redefiniu o conceito de família – de uma concepção legal estreita sobre a família, em que só cabia um modelo de família legitimada pelo casamento, com predominância do poder paterno e marital masculino, passa-se a algo mais próximo das práticas sociais vigentes.

A Constituição Federal de 1988, art. 226, considera que:

“§ 3.º - para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

A lei n.º 9.278 de 10/05/96, regulamenta o disposto neste artigo (Lei da Convivência).

§ 4.º entende-se também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”.(1999, p. 124).

Este princípio constitucional altera o direito de propriedade das mulheres casadas, facilita o divórcio, reconhece os mesmos direitos legais dos filhos,

independentemente da natureza da filiação, e estabelecem os direitos e obrigações individuais dos membros da família, segundo a posição que ocupam.

A alternativa é um novo tipo de família, na qual seja banida qualquer apropriação de um membro sobre outro, que seja transformada de escola de valorização crítica da realidade circundante, que consiga superar todo fechamento que hoje existe, e que saiba ser o lugar do respeito pelo outro e da promoção e liberação do homem. Que saiba recuperar valores da solidariedade e da disponibilidade dos quais o homem tanto necessita hoje.

1.4 – Os conflitos em torno da masculinidade

Existe, entre os pobres urbanos, uma divisão complementar de autoridades, que corresponde a divisão entre a casa e a família, sendo o pai o chefe da família, a autoridade maior.

Sobre o que significa ser homem, Almeida nos diz:

“Ser homem, a nível de senso comum nas Ciências Sociais são duas coisas: não ser mulher e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos”.(1996, p. 127)

Como nossa sociedade é patriarcal, temos no bojo de nossa sociedade uma diferenciação entre gêneros, com conflitos entre tradicionalistas e feministas, com desigualdades grotescas, onde ao homem, a mulher deve curvar-se, ser obediente.

Para investigar a masculinidade, o ponto de partida é a distinção entre gênero, onde para Almeida (1996) *“o gênero é uma área de estudos e do real que introduz significativa novidade epistemológica. Não cria grupos sociais, mas sim categorias (...) sexo é o que na América se entende como núcleo central do gênero”*.

Assim sendo, o sexo é quem vai delimitar o gênero, seja ele masculino ou feminino. O gênero é uma área de estudos, visto as diferenças entre os sexos.

Falando ainda sobre diferenças, Gayle Rubin (apud Almeida) explicita-nos:

“Existe uma economia do sexo e do gênero. A divisão do trabalho pelos sexos seria um tabu contra a semelhança de homens e mulheres, e, este tabu exacerbando as diferenças biológicas entre os sexos, cria o gênero”.(1996, p. 132).

Este tabu contra a semelhança entre homens e mulheres só vem nos mostrar como ambos são parecidos e aptos a exercer muitas tarefas idênticas.

A forma de diferenciação depende da identidade de gênero, segundo Stoller:

“O termo identidade de gênero refere-se à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes”.(1997, p. 28)

Esta identidade de gênero é uma convicção de que a designação de sexo da pessoa foi formada anatômica e psicologicamente. Stoller (1997) cita que *“em torno de dois ou três anos de idade, quando podemos identificar a masculinidade definida nos meninos e a feminilidade nas meninas, ela está tão estabelecida que é quase inalterável”.*

Para a produção e reprodução da ideologia de gênero, o parentesco e o casamento são considerados meios privilegiados, sendo que os sistemas de parentesco requerem uma divisão dos sexos.

Gilmore (apud Almeida 1991, p.148), define três compromissos morais presentes em todos os contextos etnográficos que parecem sugerir que a

masculinidade é uma resposta a déficits estruturais e psicológicos específicos: “1) um homem deve engravidar as mulheres; 2) deve proteger os dependentes do perigo e 3) deve prover os parentes”, assim sendo, estes compromissos criados, moldados, seguidos e aceitos em todas culturas, trazem o homem sendo a autoridade, aquele que tem como dever, ser um herói ou guardião de seus entes”.

Em relação a dificuldade de manifestar afeto, Nolasco (1996) nos diz que: “um homem que tem dificuldade de se relacionar consigo mesmo é incapaz de uma demonstração de intimidade com sua mulher e seus filhos”.

Se desde os três anos de idade já nos firmamos como menino/homem ou menina/mulher, nossa masculinidade ou feminilidade já está absorvida em nossas mentes, quer dizer, com toda convicção já nos sentimos homens ou mulheres e, com a ajuda dos pais, formamos nossa identidade de gênero, onde para Nolasco:

“Para se ter uma identidade sã, basta dizer “eu” com segurança, provar que é possível encontrar um lugar no mundo. É a questão da confiança em si mesmo e nos outros. Para a criança, é necessário primeiramente reconhecer-se nos pais e

ser reconhecida por eles, para a construção de sua identidade”.(1996, p. 45)

Esta citação confirma a importância do papel do pai na vida e na formação da criança. Ela necessita do afeto do pai, pois ele representaria um espelho para a mesma, em sua fase de crescimento e em sua educação. No que concerne ao comportamento do homem, Almeida nos fala de um conjunto de atributos:

“Ser homem, no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção”.
(1996, p. 128)

O modelo de família existente na Legislação Brasileira é caracterizado através do papel atribuído ao homem e à mulher e compreende, portanto, pais e filhos. O disposto no artigo 226 §5.º da Constituição federal de 1988, p.124, nos esclarece: *“os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelos homens e pelas mulheres”*. Mas subentende-se que o marido é o chefe da sociedade conjugal, e tem condições de zelar e ser provedor de sua família, função esta que atualmente exerce com a colaboração da mulher.

Como já enfatizamos anteriormente, há um aumento de famílias chefiadas por mulheres, e nesta relação de poder, onde um o detém culturalmente e outro na labuta diária, gera-se conflitos, e destes, a separação é praticamente inevitável.

A separação é um processo complexo e doloroso, que ocorre devido à uma série de fatores sociais de ordem econômica, psicológica e cultural. As circunstâncias que levam o casal à uma crise conjugal são as mais variadas possíveis, como a emancipação da mulher, a superioridade masculina, divisões de papéis desiguais, etc.

Nesta fase, as pessoas passam por vários sentimentos como ódio, raiva, frustração, decepção, e geralmente não conseguem elaborar as conseqüências do rompimento da relação. Quando isso ocorre, ficam resquícios de uma relação mal resolvida e geralmente, os filhos são usados como escudos entre os pais. Neste contexto, em algumas ocasiões, são usados como instrumentos de barganha e negociações. Podemos, portanto, ilustrar como exemplo, a visita do pai ao filho. Como na maioria das vezes o filho fica sob a guarda e responsabilidade da mãe, em algumas situações ela se utiliza desse "privilégio" para controlar os horários de visita. No entanto, desse forma, impede o acesso do

pai à visita aos filhos, o que é uma maneira de subjugar o marido e cobrar exigências.

Desse modo, Gardner explica que:

“Às vezes, quando os pais continuam brigando mesmo depois da separação, eles tentam ferir ou controlar um ao outro através das crianças”.(1980, p. 119).

E, usando as crianças, os pais não percebem o mal que causam, pois sentimento de criança é puro, elas não conhecem o mundo que as rodeiam, muito menos o que passa aso seus redores, pois estão sempre protegidas pelos pais. Quando a criança depara-se com a falta de um deles, o sentimento de saudade mescla-se com o de abandono ou rejeição.

Sobre estas atitudes, Grünspun afirma que:

“Rejeição é a atitude mais grave e perniciosa ao desenvolvimento do ser humano. O abandono é o afastamento dos filhos, para não lhes dar afeto, e, neste há qualidade de afeto, mas não o suficiente”.(1968, p. 104).

Para que uma criança cresça saudável, a educação, cultura, amor, carinho e a solidariedade são indispensáveis.

CAPÍTULO II

“Meu filho, eu nunca deixarei de amá-lo”

2.1 – Sobre a metodologia

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas individuais com quinze homens, separados ou divorciados, cuja guarda do filho foi deferida para a mãe. A entrevista constou da aplicação de um questionário (em anexo), contendo 21 perguntas, elaboradas a partir da necessidade de respostas sobre o que é ser pai, o papel do pai, e, também, para verificar porque o pai dedica menos afeto ao filho após o litígio, sendo que hoje muitas famílias são chefiadas por mulheres que não tem um marido em casa. Estes homens foram clientes do EMAJ, todos selecionados através das fichas de triagens feitas até junho de mil novecentos e noventa e nove.

As entrevistas com os pais aconteceram no EMAJ ou em seus lugares de trabalho. Nove pais foram entrevistados no espaço do EMAJ, quatro em seus ambientes comerciais e, duas entrevistas aconteceram em forma de visitas domiciliares.

Durante as entrevistas com os pais, ocorreram manifestações subjetivas,

tais como:

- Choro: quatro pais choraram ao falarem sobre quantas vezes encontram-se com os filhos no mês. Lamentaram-se no que diz respeito ao fato de não tê-los acompanhado nas fases de suas vidas, nas horas difíceis de tristeza e contentes de felicidade. Choraram e se arreponderam por não tê-los visitados, por não tê-los dado carinho e afeto de pai, por não tê-los dito que os amavam, e hoje tentam recuperar o tempo perdido e procuram não faltar nos dias marcados para a visita.

- Ataques de nervos com tiques nervosos: Logo em seguida de contatar com os pais ao telefone, marcando uma entrevista e explicando o porque, dois pais nos ligaram de volta querendo saber o que tinha por trás desta entrevista. No dia marcado para as entrevistas, estes pais chegaram ao EMAJ apresentando “tiques nervosos”, como: um deles ficava passando as mãos no bigode e logo em seguida nos cabelos, depois levantava os ombros sem parar e batia um joelho contra o outro. Oferecemos água e explicamos o porque da entrevista novamente, vindo o homem a se acalmar na penúltima

pergunta, parando com seus “tiques”. O outro pai, ficava batendo palmas (discretamente) e não parava de piscar. Na pergunta de número 10, o homem se acalmou e cessaram-se os “tiques”.

Para desenvolver este trabalho, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, sendo possível a interpretação e obtenção de dados enriquecedores acerca da realidade social investigada. A análise foi feita através de codificação dos dados obtidos com questões norteadoras, e com isso, formulamos resultados tanto qualitativos como quantitativos.

2.2 – Perfil sócio-econômico dos pais entrevistados

Apresentaremos neste momento, os dados quantitativos obtidos com a pesquisa:

IDADE DOS PAIS:

IDADE (ANOS)	NÚMERO DE PAIS ENTREVISTADOS
20 – 25	01
25 – 30	03
30 – 35	05
35 – 40	02
40 – 45	02
45 – 50	00
50 – 60	01
60 – 70	01
	Total = 15

Constatamos que a maioria dos pais tem idade entre 30 e 35 anos. O pai mais jovem interrogado com este questionário, tem 22 anos de idade e o mais idoso conta com 68 anos.

OCUPAÇÃO DOS PAIS:

OCUPAÇÃO	PAIS ENTREVISTADOS
Confeiteiro	01
Pedreiro	02
Motorista	03
Pescador	01
Garçom	01
Gari	01
Empregado doméstico	01
Lavador de carros	01
Servente de pedreiro	01
Professor	01
Aposentado	01
Desempregado	01
	Total = 15

A maior ocupação dos pais entrevistados é de motorista, um trabalho formal, com contribuição para a Previdência, vindo em segundo lugar a de

Pedreiro, sendo uma profissão autônoma de trabalho informal. Apenas um está desempregado, mas faz bicos como cortador de grama e pintor para chegar a uma renda no final do mês, e também somente um é aposentado, tendo os filhos todos maiores de idade.

RENDA DOS PAIS:

PAIS ENTREVISTADOS	RENDA MENSAL (R\$)
05	150 – 250
02	250 – 350
02	350 – 450
03	450 – 550
01	550 – 650
01	650 – 750
01	750 – 850
Total = 15	

Como o esperado dos clientes do EMAJ, onde uma das exigências para seleção da triagem é uma renda de três salários mínimos, sendo que, em alguns casos abre-se exceção, a maioria dos pais entrevistados contam com uma renda mensal de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) a R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais), incluindo um pai desempregado, que com “bicos” consegue seu sustento.

PROCEDÊNCIA:

PROCEDÊNCIA	PAIS ENTREVISTADOS
Oeste de SC	04
Sul de SC	02
Florianópolis	06
Paraná	01
Rio Grande do Sul	01
São Paulo	01
	Total = 15

A maioria dos pais, assim como a grande clientela do EMAJ, são procedentes de Florianópolis, tendo a região oeste como a que mais migra para a capital, em busca de uma vida melhor e mais confortável, porém, muitos não a encontram aqui.

TEMPO DE CASAMENTO:

PAIS ENTREVISTADOS	TEMPO DE CASAMENTO (ANOS)
06	1 – 5
01	5 – 10
02	10 – 15
05	15 – 20
00	20 – 25
01	25 – 30
Total = 15	

Seis pais entrevistados não passaram de cinco anos de casados, tendo assim, convivido com os filhos no casamento, muito pouco. Conviveram de quinze a vinte anos cinco pais entrevistados, podendo estes, acompanhar mais intensamente o crescimento e a educação de seus filhos.

NÚMERO DE FILHOS:

PAIS ENTREVISTADOS	NÚMERO DE FILHOS
04	01
04	02
01	03
03	04
00	05
03	06
Total = 15	

Como o esperado pelo IBGE, o Brasil será um país de velhos. Nesta pesquisa percebe-se que o número da natalidade baixou. Os pais estão tendo menos filhos, visto o poder aquisitivo das pessoas estar baixando cada vez mais. O Brasil tem o oitavo PIB mundial, mas é o país de maior desigualdade de distribuição de renda do mundo, e nesta má distribuição, os clientes do EMAJ estão encaixados.

FORMA DE TRABALHO:

FORMA DE TRABALHO	PAIS ENTREVISTADOS
Trabalho formal	06
Trabalho formal + bicos	03
Trabalho informal	04
Desempregado	01
Aposentado	01
	Total = 15

Muitos pais tem o trabalho formal como uma certeza de renda, e metade destes completam sua renda fazendo bicos, hora como encanador, pintor, pedreiro, etc.

2.3 –Perfil sócio-afetivo e cultural dos pais entrevistados

Sobre a pesquisa qualitativa, Triviños diz:

“A pesquisa qualitativa não segue seqüência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa. Por exemplo, a coleta e análise dos dados não são

divisões estanques. As informações que se recolhem geralmente são interpretadas, e isso pode originar a exigência de novas buscas de dados". (1987, p. 13)

No referente à codificação dos dados, numa análise qualitativa, obtivemos os seguintes resultados:

Quanto ao compromisso do pai de uma criança que está sob a guarda da mãe, as palavras mais citadas foram o amor, carinho e atenção. A obrigatoriedade de pagar a Pensão Alimentícia também foi bastante citada.

A Constituição Federal de 1988, art. 5.º inciso LXVII nos diz: "*Não haverá prisão civil por dívida, salvo a do responsável pelo inadimplemento voluntário e inescusável de obrigação alimentícia e a do depositário infiel – pensão alimentícia: art.22 da Lei n.º 5.478, de 25/07/68.*".

Sobre os compromissos que o homem deve assumir para ser um bom pai, a maioria respondeu sobre a preocupação de fazer com que o filho entenda o certo e o errado, o discernimento, também carinho e atenção. Mais da metade citaram que educar conversando, havendo a troca de sentimentos e respeito é importantíssimo para ser um bom pai, um pai que não cai no esquecimento, e para isso, tem que haver um vínculo.

Segundo Vicente (1994, p. 51): "*(...) a criança que encontra pais que a escutam, a enxergam, a acompanham com interesse e com expectativa positiva seus passos, tornar-se-á uma criança feliz e segura*".

O vínculo é um aspecto tão importante para a condição do ser humano, que não entra no jogo da moral, de religiosidade ou cultura, onde o vínculo simplesmente é visto como uma questão de direito à vida.

Quando questionados sobre o papel do pai na educação do filho, quase todos responderam que é ensinar dentro da moral, o que é certo e errado, também o de estabelecer limites para poder respeitar e ser respeitado. Dar bons exemplos e conselhos, para que eles sejam lembrados no futuro, além de bons modos, saber ouvir, conversar, compreender e dar carinho.

Em tudo isto, Gardner afirma:

"Os pais só conseguem eficácia com a educação com o exemplo. A coerência entre o que os pais falam e o que exemplificam com atitudes é a segurança que a criança necessita para desenvolver e formar seu caráter, espelhando-se neles". (1980, p.203).

Para a formação de um bom caráter, os pais tem que se darem bem, respeitando cada um seu espaço, não falando mal, e sim bem, repassando assim, valores às pessoas.

Quanto ao papel da mãe na educação de um filho, todos em unanimidade falaram que é igual ao do pai, que a responsabilidade da educação é dos dois. Mas, a mulher apareceu com responsabilidades a mais no decorrer da entrevista. Ela apareceu como sendo aquela que é obrigada a ensinar a higiene, ficar em casa cuidando da prole, de oferecer segurança, cuidar da alimentação e roupas, de ensinar nos modos e religião. Isto mostra-nos uma relação hierárquica entre os sexos e deixa clara a questão cultural sobre a divisão de papéis no espaço privado.

Almeida nos mostra como faz tempo que esta relação acontece:

“No mito fundador, de Gênesis, temos inscrita uma relação hierárquica entre homem e mulher; do primeiro como superior, mas condenado ao sacrifício do trabalho, da transformação da natureza por Ter sucumbido à sua parte feminina, e a mulher condenada à obediência ao homem e definida pela sua função reprodutiva”.(1996, p. 73).

Quando questionamos se dariam conta de assumir a guarda da criança, caso ela fosse convertida ao pai, dez afirmaram que não conseguiriam, pelos menos neste momento da vida que estão, sem uma renda boa e certa no fim do mês; quatro dariam conta com toda certeza, pois é o que eles foram reivindicar no EMAJ; e apenas um citou que daria conta apenas se a filha mais velha se encarregasse de cozinhar e cuidar dos mais novos, ou seja, passar para a filha o que o mesmo citou que seria obrigação da mãe fazer.

Os pais não conseguiriam, mas como as mães conseguem? Nem todas as mães tem uma renda boa e certa no final do mês, mesmo assim dão conta e são totalmente responsáveis pelos filhos. O que há de errado que julgam não conseguirem? Será medo de algo sair errado? Será que vem da cultura ou não querem perder sua liberdade?

De todos os entrevistados, há um pai com quatro filhos, dos quais dois já voltaram a morar com ele sem a transferência da guarda e outros dois estão querendo ir também. Este compareceu ao EMAJ a fim de requerer a transferência de guarda e responsabilidade dos quatro filhos menores de idade.

Ao fato de como era a relação entre pai e filho antes da separação e se havia diálogo, todos os quinze pais disseram que sempre houve e ainda há, e com

os filhos pequenos eles brincavam juntos, e salientaram que toda criança pequena é muito carinhosa e meiga, que retribuem ao esforço com o carinho.

Toda criança nasce com tendência a ser carinhosa, exceto os autistas. E é no decorrer de sua vida, da convivência com a família que lhe é dada, é que a mesma distribui seu carinho, ou fecha-se dentro de si.

Quando questionados sobre o que fazem ao encontrarem-se com o filho, muitos dizem que vão à praia, parque, tomam sorvetes, comem pipocas, conversam assistindo televisão e dormem juntos. Um dos pais, que é pescador, frisou que os filhos adoram ajudá-lo a puxar a rede e catar os siris que ficam grudados nela.

Esta pergunta veio ao encontro de uma necessidade da pesquisadora em saber se o que os pais respondiam era verdadeiro. E foi constatado, no olhar de todos estes pais, um brilho intenso, de alegria ao recordarem o que faziam com os filhos. Sendo que para todos eles, o direito de visita está sendo respeitado.

Um pai citou-nos que, certa vez, o filho disse a ele: *“Pai, se eu ficar com a mãe, o pai vai achar que eu não te amo? Mas, se eu ficar com o pai, a mãe vai achar que eu não amo ela.”*. Perguntamos a este pai, qual foi sua resposta, e este imediatamente nos respondeu: *“eu disse a ele que eu nunca deixaria de amá-lo,*

que achava que ele iria ficar com a mãe, mas mesmo assim, nós sempre nos veríamos e nos amaríamos muito mais, e ainda, pedi-o que cuidasse bem da mãe e da irmãzinha dele.”

A declaração acima mostrou-nos que o homem também pode ser afetuoso, demonstrar carinho e ser sensível. Depois de contar-nos sua resposta, o pai entrevistado encheu os olhos de lágrimas e começou a chorar, desmistificando assim, a frase: “Homem que é homem, não chora”. A sociedade inventou esta frase, é cultural e passa de geração à geração, mas a verdade é que todos temos sentimentos, e demonstrá-lo só nos faz sentirmos bem.

Esta resposta comoveu a entrevistadora, e esta pôde perceber a importância de sua pesquisa, o valor de informações e vivências que pode compartilhar com estes pais, que na maioria, sabem a importância que tem os filhos para eles e vice-versa.

Quando afirmamos que cada vez mais as crianças são criadas sem pai, eles começaram a responder desculpando-se, falando que amam seus filhos e que nunca pensaram em não assumi-los, que às vezes são relapsos e faltam às visitas e que também falta dinheiro para a Pensão Alimentícia, mas nunca deixaram de pensar nas crianças.

Nunca deixaram de pensar nas crianças, mas deixaram toda responsabilidade por seus filhos para as mães deles. Mulheres que sacrificam suas vidas para darem uma criação a seus filhos, para dar-lhes de comer, vestir, afeto e moradia.

Nesta mesma entrevista, falaram que as responsabilidades na educação de uma criança é igual para o homem e mulher, mas na prática notou-se que isto não é verdade. A mulher é a encarregada da educação e de tudo que diz respeito às crianças, e estas, ao se encontrarem com seus pais, vão sadias, vestidas com roupas limpas e comportam-se da forma com que foram educadas, ou seja, com que as mães as educaram.

Cinco pais citaram ser falta de maturidade do homem o fato de abandonar a mulher com o filho, acham injusto fazer as mães perderem sua liberdade para a liberdade deles.

Quando questionados sobre a educação dos filhos sem ter um modelo de pai, dez vieram afirmando que eles são os modelos, mas sem ele, a criança correria ainda mais o risco de entrar no mundo da marginalidade, droga e violência.

Quanto ao modelo de pai um deles citou: trabalhador, ter muita fé no futuro, organização com o dinheiro, ser esforçado e ter responsabilidades, mas acima de tudo, ser honesto.

Sobre o fato de a maioria das crianças ficarem com as mães, seis pais dizem que o Juiz sempre defere a guarda para a mãe por que vem da cultura, do modelo de criação, pois a menina aprende desde pequena a cuidar de boneca, a fazer roupas para elas e trocar fraldas, brinca de cozinhar, de arrumar a casa, de ser professora, e atribuem o fato a este modelo de educação.

Alguns pais disseram-nos que a filha deles não podia brincar de carrinho ou jogar futebol e que o filho, nem sequer poderá pensar em brincar de boneca e querer pentear os cabelos da irmã.

Sobre a função da maternidade, Rincon nos diz:

“A maternidade tem sido tratada ao longo dos séculos não como uma função, uma necessidade de perpetuação da espécie e da sociedade. A maternidade tem sido dada como tarefa, como algo natural, como necessidade inerente à condição de ser mulher, e até mesmo com capricho (...) nunca reconhecida em sua verdadeira dimensão, a de garantir a reprodução humana e portanto a produção e reprodução da sociedade”.(1997, p.31).

Conforme esta citação, vemos como os homens dão o valor incerto à maternidade, igual a um dos resultados de nossa pesquisa, onde a mulher, além de cuidar do filho sozinha, tem que trabalhar para seu sustento e também da prole. A maternidade é encarada como tarefa, no olhar do homem, e de algumas mulheres. Ela gera o filho em seu ventre e fica encarregada por ele o resto da vida, enquanto à alguns homens resta o papel de perpetuação da espécie com seus espermatozóides, e a responsabilidade fica com as mulheres.

Quatro pais afirmam que a mulher é mais intuitiva, sendo capaz de adivinhar o pensamento da criança e o desejo da mesma. Três pais dizem que é por causa do vínculo da gravidez, do cordão umbilical e, dois pais acham que toda mãe é mais apegada ao filho, que paparica mais, e também que as mães que eles conhecem, não trabalham a noite. Destes quinze pais entrevistados, apenas quatro dizem ter condições iguais as das mulheres, e a guarda foi para elas por questão cultural e de sorte.

Cabe abirmos uma discussão sobre o Direito, onde predomina nesta profissão, o sexo masculino. Entre Juizes, Desembargadores, Promotores e Advogados, a maior porcentagem é deste sexo, e mesmo eles, ainda deferem a maioria dos processos de guarda às mulheres.

A frase estereotipada “lugar de mulher é em casa”, parece predominar ainda hoje, à beira do século XXI. Percebemos, com nossa pesquisa e prática de estágio, que tanto o homem como a mulher tem condições iguais de criar um filho, a boa vontade e determinação é que mudam a história, pois mesmo a mulher que tem duas jornadas de trabalho, consegue criar bem seu filho, passando por atribulações e muitas dificuldades, ainda assim, encontra muitos momentos de felicidade, enquanto à maioria dos homens restam o medo da responsabilidade, de perder a liberdade e de aprender. Aprender na prática que pode, que consegue, que é capaz de ser um pai exemplar, aquele que cria seus filhos e sente orgulho com isso.

Quando perguntados sobre a frequência com que visitam os filhos: sete pais dizem pegar os filhos dois finais de semana inteiros por mês, e ainda, dois destes pegam os filhos no colégio uma vez por semana. Dois pais dizem ver os filhos uma vez por final semana e uma no meio da semana. Três pais dizem que vêem os filhos duas vezes por mês, em apenas um dia por final de semana. Apenas um pai diz ver os filhos todos os dias, pois são vizinhos e tem um relacionamento muito bom com sua ex-esposa.

Todos os pais entrevistados dão presentes para seus filhos, desde balas, balões, pipoca, carrinhos, bonecas, até vídeo game e televisão, mas isto, só quando podem e prometem.

Conforme Francke:

“Uma criança não considera seus pais como um indivíduo que tem suas singularidades ou fraquezas, mas como uma instituição sólida que está ali para satisfazer suas necessidades”.(1988, p. 306).

Sendo uma das necessidades básicas da criança, os pais recebem em troca o sorriso de satisfação e alegria dos filhos, pois, imbuída na necessidade de lazer e diversão está a de se fazer presente, de dar afeto e atenção à criança, fazendo com que o pai perceba que é importante para seus filhos, que a felicidade é feita de momentos felizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi um constante processo de aprendizado devido às várias descobertas e inquietudes com as quais nos deparamos ao longo do mesmo. Estas muito contribuíram para nossa formação profissional e para uma reflexão maior a respeito do afeto entre pai e filho.

Estando este trabalho na área da família, sendo esta muito complexa em função das várias demandas, faz-se necessário estar atualizado cada vez mais para efetuar um atendimento competente, objetivando a melhoria de qualidade do mesmo.

As informações postas ao longo deste trabalho nos recordam a família, a nossa família e outras com quem trabalhamos por um período de dois anos e meio, as quais tem problemas, sendo estes de ordem econômica, política, cultural e social, e mesmo com estes problemas, conseguem ser felizes.

A clientela do EMAJ, a grande maioria da classe despreviligiada da sociedade, vem ao escritório a fim de esclarecer seus direitos, e com isso, os fazem valer, se não conseguem, ao menos tentam.

Entrevistando estes atores sociais, obtivemos êxito em tudo. Na satisfação do entrevistador, nas respostas curiosas obtidas, na sensação de estar fazendo o pai recordar de seu filho, das coisas boas que sente quando estão juntos, etc.

Podemos constatar, na forma real, o que lemos em livros, teses, artigos de jornais e revistas sobre as relações de gênero, onde cabe à mulher o dever de cuidar da casa e da higiene dos filhos. Também sobre o bom exemplo do pai, que o mesmo sabe que um belo exemplo de sua parte, servirá como modelo para seu filho no futuro.

Observamos também que o vínculo entre pai e filho só é perdido se os dois nunca mais se encontrarem, que os pais sentem esta ligação de uma forma muito positiva, e com isso, eles tentam quebrar a barreira, a vergonha de demonstrar o que sentem.

Os pais acham que pai e mãe tem o mesmo papel na educação de um filho, mas nenhum deu-se conta da concepção de gênero imbutida em suas respostas, onde as mães ensinam as meninas a brincarem de boneca e os pais aos meninos a jogarem futebol. Menos da metade dos pais se deram conta dos valores estereotipados em relação aos papéis de gênero, quando disseram-nos

que o Juiz defere a guarda da criança para a mãe por causa da cultura, onde elas aprendem desde pequena a brincar de boneca e a limpar a casa.

Esta pesquisa mostrou-nos a importância do afeto para as pessoas, pois o filho que teve pouco, quando for pai, na maioria das vezes, distribuirá afeto em dobro. Ainda propomos que este trabalho não fique no papel, que os pais e mães de hoje, ensinem seus filhos a brincarem de arrumar a casa e jogar futebol, sem preconceitos pelo sexo da pessoa. Ficando assim, as crianças mais aptas à alguma coisa que o destino as reserva. Também a demonstração do afeto, a qual é muito importante também, que seja livre, sem pudores ou constrangimentos.

Foi constatado através da pesquisa, que os pais tem grande afeto por seus filhos, manifestando inclusive de forma subjetiva, através de tiques nervosos e choros. Esta última manifestação vem contrariar a célebre frase estereotipada culturalmente “Homem que é homem não chora”, mostrando-nos que o homem é um ser afetivo, sensível, e não só as mulheres que os são.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de século edições, 1995.
- ARENDT, Hanna. *A condição humana*. São Paulo: Loyola, 1968.
- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CALIL, Vera L. Lamanno. *Terapia familiar e de casal*. 2ed. São Paulo: Summus, 1987.
- FRANCKE, Linda Bird. *Filhos de pais separados*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.
- GARDNER, Richard. *A relação entre pais e filhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- GOLDANI, Ana Maria. *As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas*. In: Cadernos de pesquisas. n.º 91. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1994.
- GRÜNSPUN, Haim. *A autoridade dos pais e a educação da liberdade*. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1968.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 6ed. São Paulo: Scipione, 1996.
- MIOTO, Regina C & TAKASHIMA, G. *Crises familiares e separação conjugal*. Rio de Janeiro: anais do V ENPESS, 1996.

- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- OLIVEIRA, Juarez. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1998*. 22ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- PINCUS e DARE. *Psicodinâmica da família*. Trad. De Clara Rotemberg e Shirley Kleinke. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- PRADO, Yolanda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RAMOS, Magdalena. *Introdução a terapia familiar*. São Paulo: Ática, 1990.
- REVISTA VEJA, ano 33, n.º 16. 1.645ed. São Paulo: Abril, 2000.
- RINCON, ...*Presença da mulher*. n.º 30. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1997.
- SARTI, Cyntia A. *O valor da família para os pobres*. In: RIBEIRO, I & RIBEIRO, A (org). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- STOLLER, Robert. *Masculinidade e feminilidade*. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.
- TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.
- VICENTE, Cenise Monte.in: KALOUSTIAN, M. (org). *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo: Cortez, UNICE, 1994.
- WHALEY, Lucile e WONG, Donald. *Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva*. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

WEISS, Vanita. *A voz da criança / adolescente no processo de separação no EMAJ*. Florianópolis, 1998. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina.

ANEXO

QUESTÕES NORTEADORAS

1) Nome:

2) Idade:

3) Ocupação:

4) Renda:

5) Procedência:

6) Quanto tempo viveu maritalmente?

7) Quantos filhos teve desta relação?

8) Na sua opinião, qual o compromisso do pai de uma criança, a qual está sob a guarda da mãe?

9) Quais os compromissos que um homem deve assumir para ser considerado um bom pai?

10) Na sua opinião, quando se trata da educação de um filho, qual é o papel do pai?

11) Na sua opinião, quando se trata da educação de um filho, qual é o papel da mãe?

12) Se a guarda voltasse para o senhor, daria conta de assumi-la sozinho?

13) Como era o seu relacionamento com seu(ua) filho(a), antes da separação? Havia diálogo?

14) Que tipo de atividades fazem juntos, no dia que se encontram?

15) Você está trabalhando?

16) Cada vez mais crianças são criadas sem pai, o número é muito significativo. Como você vê esta questão?

17) Como você vê a educação de um menino/ adolescente/ jovem/ homem sem ter um modelo de pai?

18) Por que você acha que a criança sempre fica com a mãe?

19) Quantas vezes por mês você se encontra com seu(ua) filho(a)?

20) Você dá presentes para seu(s) filho(s)?

21) Que tipo de presente você dá para seu(s) filho(s)? (ex: picolé, parque, chiclete, ursinho ou boneca, roupas, carrinhos, bola, etc.).